

Laura Flor

– Laura Flor, vem cá!

A Laura veio e era como uma flor. Delicada e suave flor igual ao nome.

Depois, foi a Maria Clara de tranças belas, castanhas, nariz arrebitado, sorriso claro – e Clara se chamava. A apertar a bata, na cintura, um cinto feito de papéis de lustro de cor, arco-íris naquela cintura de menina.

Depois, a Maria Odete, figurinha que parece ter saído de uma jarra, sempre com muitos cuidados a andar, a falar, jeito que lhe ficou de estar dentro da jarrinha. Uns olhos orientais, um sorriso que é quase choro, franjinha negra sobre os olhos à flor da pele.

– Maria Odete, se eu fosse ao Oriente e encontrasse uma flor, lembrava-me logo de ti!

– Pois é! Ela tem os olhos em bico! – diz uma companheira, pronta a tirar conclusões.

Maria Odete começa a chorar. A caírem-lhe as lágrimas devagarinho, brilhantes, também com cuidado, lentas, luminosas.

Eu não sei o que vou dizer, mas digo. Não sei o que disse, mas Maria Odete sorri. Devagarinho, também as lágrimas acabam de cair.

A que disse que a Maria Odete tinha os olhos em bico é tal e qual uma maçã dourada, redonda, toda muito por igual: maçã suspensa, nítida, decidida.

As meninas todas olharam com admiração a flor do Oriente.

Eu é que não devia dizer estas coisas, eu é que tenho a culpa – pensar alto. Mas havia reparado ontem na Maria Odete a dizer-me que não tinha livro nenhum.

– Foi tudo na cheia de ontem, minha senhora...

– E nunca mais os viste?

– Nunca mais! A minha bata, apanhei-a hoje na valeta... Até o dinheiro que ficou está a secar, preso por molas.

Diz isto com uma vozinha de quem canta dentro da tal jarra.

- Sabe a senhora? As minhas vizinhas dizem que vão reclamar ao Ministro...

–...?

– Porque não arranjaram aquele cano... É por isso que eu hoje não trago bata nem

tenho livro...

– ...

– ... nem tenho dinheiro para comprar outro...

Diz isto tudo muito serena, com um ar de quem está a contar a história mais natural deste mundo. História tão cinzenta que na voz dela até parece um conto de fadas ao contrário.

A menina linda com os olhos à flor da pele, transparentes e escuros ao mesmo tempo. Puros. A infância desarmada.

– Senhor Ministro, devia ter mandado arranjar o cano. Não tenho livro, não tenho bata, o pouco dinheiro está a secar, preso por molas...

Tão serena. As lágrimas vagarosas de hoje – como meninas que saíram a passear para uma ilha imaginária.

Senhor Ministro, desça abaixo ao seu jardim...

Mas o Senhor Ministro não ouviu. Não desceu. Sabe lá o que é ter o pouco dinheiro preso por molas e os livros a irem na cheia.

E deve ter aprendido na escola, no liceu, que Camões salvou os Lusíadas a nado. E que deixou o fim do poema para Laura Flor escrever. Com uma peninha de rouxinol.

